

# **ALFABETIZAÇÃO X DÉFICIT DE APRENDIZAGEM: Uma Análise Diagnóstica dos Alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental de escola em Serra do Ramalho – BA**

Shirley Gonçalves de Souza

## **RESUMO**

Esta discussão é resultado de uma pesquisa realizada no Mestrado Acadêmico em Educação, da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS e teve como objetivo o estudo da alfabetização e dificuldades de aprendizagem, tendo como cenário o processo de ensino e aprendizagem dos alunos de 1º ao 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola de Serra do Ramalho/BA. Na condição de professora da referida unidade escolar, é possível sentir angústias e inquietações a respeito de como a proposta pedagógica da escola dialoga com as dificuldades de aprendizagem desses estudantes. Do mesmo modo, a investigação buscou saber se as dificuldades de aprendizagens originaram algum transtorno mais grave. Os participantes foram três professoras, a direção da escola e uma coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação. A pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, seguindo os passos da pesquisa participante, visto que integro o quadro de funcionários da escola, e a questão de pesquisa surge a partir das inquietações do coletivo de professores sobre o processo de alfabetização. Para a geração dos resultados, foram utilizados a entrevista semiestruturada, o diário de campo, a análise documental e a observação direta. A investigação evidenciou que o processo de alfabetização e as dificuldades inerentes a ele, apesar de ser amplamente discutido, é um tema atual, pois prevê a aprendizagem das crianças numa perspectiva de inclusão. Essa concepção do processo de ensino e aprendizagem implica compreender as crianças, considerar seus conhecimentos prévios, respeitar sua cultura, adaptar as estratégias às suas necessidades e potencializar o seu desenvolvimento pessoal e social.

**Palavras-Chave:** Alfabetização. Dificuldades de Aprendizagem. Processo de Ensino e Aprendizagem.

## **Introdução**

A educação básica tem caráter obrigatório e se traduz como um direito público subjetivo de cada um e como dever do Estado e da família na sua oferta a todos. Os objetivos dessa etapa de ensino, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, devem assegurar aos estudantes o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura, que são imprescindíveis para a vida em sociedade e para uma formação individual e coletiva, independentemente da grande diversidade

da população escolar. Dessa forma, o presente estudo nasceu da necessidade de investigar sobre a alfabetização e as dificuldades de aprendizagem de alunos do 1º ao 3º ano de uma escola do município de Serra do Ramalho/BA. Teve como objetivo central conhecer o critério adotado pelos professores do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Padre José de Anchieta frente ao Déficit de Aprendizagem desses alunos.

A escolha da temática da pesquisa que teve como fruto essa dissertação embasou-se nas experiências diárias da pesquisadora no seu grupo de trabalho junto às crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para o delineamento do estudo a pesquisadora partiu dos seguintes questionamentos: Quais as dificuldades que os professores do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Padre José de Anchieta enfrentam ao alfabetizar esses alunos? Os professores que atuam nas turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I recebem constantemente formação continuada para uma melhor alfabetização desses alunos? Quais ações tem sido adotadas pela Gestão da Escola no auxílio aos professores que atuam nas turmas de primeiro ao terceiro ano do ensino Fundamental I a fim de reduzir o déficit de aprendizagem?

O objetivo central buscou conhecer o critério adotado pelos professores do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Padre José de Anchieta frente ao Déficit de Aprendizagem desses alunos. Esse objetivo se desdobrou em três objetivos específicos: Observar quais as dificuldades que os professores do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Padre José de Anchieta enfrentam no processo de alfabetização desses alunos; Verificar se os professores das turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental I recebem formação continuada para uma melhor alfabetização desses alunos; Identificar quais ações estão sendo adotadas pela Direção da Escola em auxílio aos professores do primeiro ao terceiro ano para a redução do déficit de aprendizagem desses alunos.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, pois buscou conhecer o universo de significados que os participantes atribuem ao objeto de estudo; foi do tipo participante, pois, fazendo parte do quadro de funcionários da escola, senti a necessidade de investigar sobre as dificuldades de aprendizagem, motivo de

angústia dos professores dos alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Para a geração dos resultados, foram utilizados a entrevista semiestruturada, o diário de campo, a análise documental e a observação direta. Os participantes foram três professoras, a direção da escola e uma coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação.

A investigação evidenciou que o processo de alfabetização e as dificuldades inerentes a ele, apesar de ser amplamente discutido, é um tema atual, pois prevê a aprendizagem das crianças numa perspectiva de inclusão. Para tanto, torna-se tarefa dos professores e demais profissionais da educação a responsabilidade de educar todas as crianças de maneira igualitária. Essa concepção do processo de ensino e aprendizagem implica compreender as crianças, considerar seus conhecimentos prévios, respeitar sua cultura, adaptar as estratégias às suas necessidades e potencializar o seu desenvolvimento pessoal e social, favorecendo, assim, o sucesso educacional e a formação pessoal de cada criança.

Cotidianamente, a escola recebe estudantes caracterizados por sua enorme heterogeneidade social e cultural. Esta realidade exige uma compreensão de organização escolar que reconheça, respeite e valorize as diferenças no processo de ensino e aprendizagem. Assim, os objetivos educacionais precisam estar pautados na compreensão do ambiente natural e social dos sujeitos, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade; no desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; e nos conhecimentos que constituem os componentes curriculares obrigatórios.

Desse modo, o fazer pedagógico deve privilegiar as habilidades e as competências pré-existentes nas crianças, como a curiosidade, o questionamento, a reflexão e a criatividade. Nesse sentido, é importante adotar uma estrutura pedagógica que incentiva e potencializa essas características naturais. Assim serão proporcionadas aos alunos a construção do saber no decorrer da sua formação e a autonomia em reconstruir conhecimentos pertinentes, atuais e significativos, a fim de torná-los cidadãos críticos, inovadores e responsáveis por uma sociedade em que o elemento fundamental seja a equidade.

No âmbito das dificuldades de aprendizagem, desse modo, pensar em educação requer que pensemos em todas as crianças e jovens de maneira igual, seja no nível da igualdade de direitos, seja no das oportunidades educativas. O professor se vê, então, diante da necessidade de assumir uma tarefa fundamental na perspectiva da educação inclusiva. Diante disso, é importante que o docente entenda suas atitudes, conceitos, visão de mundo e prática pedagógica em sala de aula, visto que a diversidade da sala de aula exige atitudes para promover um processo educacional igualitário para todos os estudantes. Sobre as atitudes dos professores no processo de inclusão da diversidade.

### **Dificuldades de aprendizagem: Desafios inerentes ao processo de alfabetização**

Problemas relacionados ao processo de aprendizagem, as dificuldades de aprendizagem, são bastante comuns e vem gerando amplas discussões pelos professores e por estudiosos que investigam o processo de ensino e aprendizagem. As causas do surgimento das dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a elementos externos ou internos ao sujeito e decorrem de situações diversas como o déficit sensorial, baixa condição socioeconômica, problemas cognitivos ou neurológicos, dentre outros.

Segundo Viana e Viana Junior (2017), a dificuldade de aprendizagem pode ser caracterizada como um distúrbio em um ou mais aspectos da cognição relacionados ao entendimento ou uso da linguagem falada ou escrita; essa dificuldade pode se manifestar na incapacidade de ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou fazer cálculos matemáticos e são geralmente percebidas quando os alunos ingressam na educação formal.

Por outro lado, há aquelas crianças com capacidade de aprender normal, mas não conseguem aprender conforme o esperado porque os métodos de ensino convencionais não contribuem para o desenvolvimento do estudante. Os entraves advindos do tipo de método de ensino adotado pelo professor originam as dificuldades de o aluno alcançar as metas educacionais do processo de aprendizagem como a escrita, leitura, interpretação, aritmética, entre outros conhecimentos. Entretanto, as dificuldades que os alunos enfrentam no

processo de aprendizagem não podem ser associadas ao fracasso escolar, que engloba questões mais complexas e que requer a existência de políticas públicas que oportunizem aos sujeitos as condições de acesso e permanência na escola com qualidade e conforto.

Na trajetória escolar das crianças é comum a realização de avaliações por professores e coordenadores pedagógicos na escola e, até mesmo, por seus colegas e pais nas suas relações sociais a despeito de suas habilidades ou sucesso escolar. Esses julgamentos, na maioria dos casos, servem de base para que a criança inicie a construção de uma visão de si, contribuindo para que a mesma se sinta incapaz de aprender. Nesse sentido “a vivência de situações de baixo rendimento escolar, reprovação e evasão, geram, não apenas sentimentos como baixa autoestima, mas também influencia na capacidade produtiva da criança”, (VIANA; VIANA JUNIOR, 2017, p. 237).

O sentimento de fracasso ou a exposição a situações de fracasso, decorrentes de fatores como avaliações quantitativas, julgamento de valores, métodos de ensino que desconsidera o interesse do estudante, podem originar sentimentos que duram por longo tempo e que geram outras dificuldades no processo de aprendizagem. Assim, atender às expectativas da família, do grupo social e do professor na obtenção de resultados escolares excelentes, torna-se um sofrimento para muitas crianças. Essa pressão culmina com o surgimento de dificuldades na leitura, escrita, interpretação e realização de cálculos matemáticos que não se referem à cognição ou fatores biológicos.

No que diz respeito ao processo de alfabetização, compreender as questões inerentes à dificuldade de aprendizagem não é um tema de fácil entendimento, uma vez que exige do professor o conhecimento sobre o assunto para identificação, intervenção e acompanhamento dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Ao perceber qualquer diferença no ritmo ou entraves na aprendizagem, os profissionais da educação precisam replanejar suas práticas e planejamento ou, a depender do nível de dificuldade, encaminhar o estudante para profissionais especializados e experientes que direcionem o planejamento e a intervenção adequados para minimizar os prejuízos na vida estudantil dos estudantes.

De acordo Mol e Wechsler (2008, p.392) “essas crianças, na maioria das vezes, são tratadas pelos professores na escola de forma preconceituosa e são

discriminadas, sem que se investiguem suas reais habilidades e potencialidades”. Dessa forma, as crianças sentem-se incompreendidas e, aos poucos, acreditam que são incapazes de aprender, o que culmina com total desinteresse pela escola que, por sua vez, passa ser expressada por meio de comportamentos fora do esperado. Segundo Scoz (1994, p.22) coloca que:

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade (SCOZ, 1994, p. 22).

Desse modo, o reconhecimento de qualquer problema no processo de aprendizagem não deve ser vista como a solução para as dificuldades dos estudantes, mas como um meio para delineamento de estratégias pedagógicas adequadas para cada tipo de dificuldade. A relação entre aluno e professor não acontece e forma vazia de sentido, mas se dá numa rede de significados que se constrói diariamente na sala de aula. Nessa direção, é fundamental compreender a razão pela qual alguns alunos, sem deficiência, apresentam dificuldades no processo de aprendizagem e alfabetização e, por conseguinte, o malogro escolar.

Na visão de Santos (2009), essa importância se refere ao fato de que no processo de alfabetização, os estudantes constroem habilidades essenciais e terão acesso aos conhecimentos e valores científicos tidos como importantes no contexto social em que vivem, onde a leitura e a escrita têm relevância fundamental, pois fazemos parte de uma sociedade letrada. Segundo Tfouni, (1995, p. 20), “enquanto a alfabetização corresponde a um processo de apropriação da leitura e da escrita pela criança, o letramento se caracteriza pelo desenvolvimento dessas habilidades dentro do contexto social”, ou seja, apropriação das técnicas de alfabetização levando-se em conta seus aspectos sócio-histórico.

Nesse sentido, no processo de aprendizagem escolar, a alfabetização não pode ser construída apenas do ponto de vista da decodificação, mas estar associada às habilidades de usar socialmente os conhecimentos científicos. Isso porque, no decorrer da alfabetização o aluno entra em contato com o “universo”

do conhecimento formal. Assim, o papel da escola vai além de oferecer as condições para que o estudante internalize esses conhecimentos, mas ser um espaço que possibilite ao aluno a oportunidade de ampliar e construir novas maneiras de interação com o mundo.

Entretanto, o acesso aos conhecimentos científicos, formais, sofre influência de fatores diversos, exigindo da escola a definição de estratégias que habilite os profissionais da educação o trabalho com a diversidade que compõe a sala de aula. No momento em que a criança inicia sua vida estudantil podem ser identificados alguns distúrbios resultantes das dificuldades de aprendizagem, trazendo prejuízos ao processo de ensino e aprendizagem desse aluno. Desse modo, é comum os professores se defrontarem com transtornos como dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia, conforme podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 1: Principais transtornos decorrentes das dificuldades de aprendizagem.

<b>Transtorno</b>	<b>Característica</b>
Dislexia	Falha no processamento da habilidade da leitura e da escrita durante o desenvolvimento. A dislexia como um atraso do desenvolvimento ou a diminuição em traduzir sons em símbolos gráficos e compreender qualquer material escrito é o mais incidente dos distúrbios específicos da aprendizagem, com cifras girando em torno de 5 a 15% das crianças com distúrbio de aprendizagem (CIASCA, 2003, p.6).
Disgrafia	Para Coelho (2012) apud Franceschini, et al. (2015, p.102), “a criança com disgrafia escreve de maneira desviante ao padrão, contemplando uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas e mal elaboradas/proporcionadas”. Segundo os autores, ficou caracterizado que quando a criança apresenta esse distúrbio, são comuns características como: (i) letra excessivamente grande ou excessivamente pequena – macrografia e micrografia, respectivamente; (ii) forma das letras irreconhecível; (iii) traçado exagerado e grosso ou demasiadamente suave; (iv) grafismo trêmulo ou com irregularidade; (v) escrita demasiadamente rápida ou lenta; (vi) espaçamento irregular das letras ou palavras; (vii) erros e borrões que podem impossibilitar a leitura da escrita; (viii) desorganização geral no texto e (ix) utilização incorreta do instrumento de escrita (lápiz ou caneta), (VIANA; VIANA JUNIOR, 2017).

Disortografia	De acordo com Casal, (2013, p.42) entre as características que mais se evidenciam na disortografia, destacam-se: (...) as frases mal estruturadas, inacabadas, que apresentam falta de elementos, repetição de palavras, um vocabulário muito simples e pouco diversificado, erros de pontuação e morfosintáticos, expressão de ideias muito sucinta (estilo telegráfico), incoerência de ideias, divisão de orações de forma incorreta, utilização incorreta de tempos verbais na frase e dificuldades em identificar categorias gramaticais
Discalculia	É um transtorno de aprendizagem específico que afeta significativamente a aquisição normal das habilidades matemáticas, repercutindo diretamente na falta de aptidão em lidar com cálculos aritméticos, (VIANA; VIANA JUNIOR, 2017).

Fonte: Viana; Viana Junior, 2017. Construção da autora, 2019.

O diagnóstico do estudante com alguma dificuldade de aprendizagem não é um trabalho simples de ser efetivado. Entretanto, como aponta Torres e Ciasca, (2007, p. 19), “são altos os índices de repetência e evasão, e é grande o número de crianças encaminhadas para consultórios médicos, "diagnosticadas" pelas escolas com algum tipo de problema no processo de aprendizagem”. Esses “diagnósticos”, feitos sem qualquer cuidado ou por um não especialista, contribui para que a criança se sinta excluída, visto que em muitos casos passa a ser tratada de forma estereotipada, sendo vítima de práticas de não dialogam com suas reais necessidades.

As escolas recebem, diariamente, um grande número de estudantes que apresentam algum problema no processo de aprendizagem; alguns desses alunos não demonstram sintomas emocionais e expressam estar felizes e confortáveis. No entanto, há aqueles estudantes que revelam estar com problemas emocionais como a tristeza, o isolamento no convívio escolar e ansiedade. Outros, ainda, podem expressar problemas no âmbito educacional como aparente falta de interesse em aprender, não realizam as atividades escolares, demonstram não gostarem da escola ou até mesmo duvidam de sua própria inteligência e capacidade de aprender.

No aluno mais velho, esses fatores contribuem para que o estudante descredite do ambiente escolar, questionando se o mesmo pode lhe oferecer um futuro melhor. Em muitos casos, com o adensamento das dificuldades e

agravamento dos distúrbios, alguns desses alunos aumentam os números da evasão escolar. Diante dessa realidade, a escola tem papel fundamental na garantia de condições adequadas para que a aprendizagem aconteça em uma atmosfera favorável e ambiente facilitador, favorecendo o acesso aos conteúdos apesar dos desafios impostos pelas dificuldades de aprendizagem. De acordo Lane e Codo (1993, p.174):

O meio escolar deve ser um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o crescimento, sem prejuízo dos contatos com o meio social externo. Há dois pressupostos de partida: primeiro, é que a escola tem como finalidade inerente a transmissão do saber e, portanto, requer-se a sala de aula, o professor, o material de ensino, enfim, o conjunto das condições que garantam o acesso aos conteúdos; segundo, que a aprendizagem deve ser ativa e, para tanto, supõe-se um meio estimulante (LANE e CODO, 1993, p. 174).

Entendemos que existem muitos desafios ao processo de alfabetização, tanto de ordem emocional e social, quanto de ordem econômica e educacional. Exigindo da escola e do professor o desenvolvimento de práticas para superar as dificuldades que os estudantes apresentam no processo de aprendizagem. Aliada aos desafios inerentes aos problemas de aprendizagem, é importante salientar que existem escolas que deixam lacunas no processo de aprendizagem devido a fatores como má condições estruturais, superlotação de salas de aula, mal equipadas, ausência de materiais didáticos inovadores e professores sem formação adequada e desmotivados. Assim, “como estimular alunos que apresentam algum tipo de dificuldade no processo de aprendizagem quando são apresentadas a estas crianças escolas sem o mínimo padrão estrutural de acolhimento?” (VIANA; VIANA JUNIOR, 2017).

Nesse contexto, a escola precisa criar metodologias de acolhimento de todos os alunos em sua diversidade social, cultural e de aprendizagem, reconhecendo que cada criança aprende de uma forma e que esse processo não é fácil para todas. A escola é espaço onde a criança deve ser amada, respeitada e disponha das condições favoráveis para sua aprendizagem, pois só assim poderá progredir na vida escolar apesar das suas dificuldades.

**Principais dificuldades que os professores enfrentam no processo de alfabetização.**

A escola que temos na atualidade precisa lidar diariamente com uma população marcada por uma admirável heterogeneidade social e cultural. Esta realidade sugere uma compreensão de organização escolar que conheça a diferença e tenha em consideração a diversidade da comunidade educativa. Essa exigência nasce do fato de que muitos sistemas de ensino ainda adotam uma perspectiva massificadora e coletivista, deparando-se com uma significativa diversidade de problemas, sendo um dos mais preocupantes o insucesso escolar, traduzido de crianças que apresentam variadas dificuldades em se adaptar às condições requeridas pela escola e em atingir os resultados escolares esperados, tornando-se vítima da exclusão (UNESCO, 1996).

Estamos vivendo em uma época onde a adaptação do processo ensino e o atendimento às necessidades individuais de cada aluno são cada vez mais necessárias a uma ação educativa ativa. É urgente dar atenção a este problema, para que a todas as crianças que têm dificuldades de aprendizagem tenha oportunidade de desenvolver-se e de crescimento global. Bernard (1996), aponta que em face de um problema de insucesso escolar, o mais importante não é saber qual é a deficiência da criança, a sua dificuldade de aprendizagem, a problemática da sua relação familiar, ou ainda o seu percurso educativo, mas sim de saber o que faz o professor, o que faz a turma, enfim, o que faz a escola, para promover o sucesso desta criança. Assim, sobre os principais desafios enfrentados pelos professores na escola pesquisada para atuar em turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, os participantes responderam que:

Crianças em diferentes níveis de aprendizagem, indisciplina, falta de interesse dos estudantes, ausência de espaços (quadra coberta, biblioteca, sala de vídeo) dificuldade de comunicação com alguns pais (parceria) e também introduzir a tecnologia na prática escolar, (DIRETORA).

O desafio de conseguir diagnóstico para as crianças que apresentam sintomas de algum distúrbio ou dificuldade de aprendizagem no ciclo de alfabetização, equipe de atendimento especializado insuficiente diante da demanda, (COORDENADORA).

O cotidiano de um professor exige muito mais do que conhecimento teórico e prático. Os desafios da sala de aula são inúmeros alunos desmotivados indisciplinados, oriundos de famílias desestruturadas, escassez de material de apoio pedagógico. Mais no momento penso que o maior desafio foi o ensino remoto porque na maioria das vezes o nosso aluno não

tinha acesso a internet e alguns famílias que não são alfabetizadas para auxiliá-los, (PROFESSORA 1).

O primeiro ponto é a falta de material adequado e de um espaço para realizar atividades fora da sala de aula. Em segundo sinto falta da participação da família no processo de aprendizagem das crianças. Não considero os alunos indisciplinados, mas demonstram a falta de algo prazeroso na escola e também reflexo da ausência de educação familiar, pois tem pais que não gostam quando o professor chama a atenção dos filhos, (PROFESSORA 2).

Um dos desafios é a existência de alunos com diferentes níveis de aprendizagem e a baixa autoestima daquelas que se sentem menos inteligente que as outras, (PROFESSORA 3).

Conforme as falas dos participantes, percebemos que a dinâmica da sala de aula, com o ajuntamento de estudantes de diferentes níveis de aprendizagem, se constitui um grande desafio para os professores. Entretanto, esses desafios não tolhem a ação pedagógica dos professores, que buscam desenvolver uma prática de maneira que atenda aos estudantes de maneira inclusiva. Sobre esse processo de inclusão no cotidiano da sala de aula, alguns estudos têm evidenciado que alguns professores, especialmente os do ensino regular, têm dificuldades em aceitar programas de inclusão; também, têm evidenciado que poucos professores admitem a responsabilidade com a aprendizagem de crianças com dificuldades de aprendizagem colocadas nas suas turmas (MINKE, 1996). Apesar dessa realidade, grande parte dos professores concorda que toda criança tem direito a receber educação em conjunto com outras crianças sem quaisquer problemas ou dificuldade de aprendizagem. Sobre as estratégias mais eficientes utilizadas para alfabetizar os estudantes que apresentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, os participantes colocaram que:

Planejar atividades paralelas de acordo ao nível de cada criança, realizar projeto de reforço em horário oposto e buscar ajuda de profissionais especializados. (DIRETORA).

Não acredito em uma fórmula pronta, cada estudante tem que ser visto e tratado como ser único, por tanto deve-se observar suas peculiaridades, contexto histórico, familiar, situação socioeconômica e ir traçando meios de chegar até esse sujeito, descobrir qual a sua forma de aprender e depois disso ir mesclando, diversificando as estratégias e metodologias, pra isso o professor precisa de apoio da gestão escolar, da família que tem papel importantíssimo nesse processo, do coordenador pedagógico e equipe multidisciplinar, (COORDENADORA).

Na minha concepção é interessante realizar o diagnóstico da turma, desenvolver atividades desafiadoras e contextualizadas com a realidade da turma, atividades em dupla ou grupo, motivar os estudantes constantemente, criar uma rotina individualizada. (PROFESSORA 1).

Considero importante utilizar estratégias contextualizadas com a realidade e interesses dos alunos. Um ponto importante é considerar os saberes prévios dos estudantes e explorar o potencial criativo das crianças, sempre partindo do local para o global. Os conteúdos precisam fazer sentido para eles, caso contrário não terá sentido. (PROFESSORA 2).

Atividades diferenciadas coordenadas pelos professores em conjunto, pensadas a partir das dificuldades apresentadas pelos estudantes, (PROFESSORA 3).

Dessa forma, os professores precisam lidar com alunos com diferentes características, especificidades e dificuldades de aprendizagem, o que significa a criação de novas estratégias que lhes permitam ensinar, numa mesma turma, crianças diferentes, com diferentes capacidades de aprendizagem e com diferentes conhecimentos prévios (COSTA, 1996). Entretanto, os professores nem sempre se consideram devidamente preparados para gerir de forma adequada as dificuldades inerentes à diversidade dos alunos (MORGADO, 2003). E sobre o acolhimento às diferenças dos estudantes, o Projeto Político Pedagógico da escola prevê que a missão da unidade escolar é:

promover talentos e habilidades individuais, oferecendo um sistema de educação diferenciado, contribuindo para formação de estudantes conscientes e comprometidos na construção de uma sociedade na qual prevaleça a ética, a cooperação e a integridade". Ser reconhecida como referência em educação com diferenciais éticos de cidadania. O trabalho desenvolvido será realizado de maneira que os estudantes sejam construtores do conhecimento por meio da reflexão de ante dos conteúdos e não mera memorização da aprendizagem, (PPP, 2020, p. 07).

A escola, pensada nesta perspectiva, é imprescindível abandonar os padrões antigos e modelos copiados de outras realidades, mas, ao contrário, é preciso criar novos modelos a partir da vivência e experiências em conjunto, dentro da comunidade. Oportunizando ao aluno um espaço onde ele adquira não apenas os saberes dos livros, mas onde ele possa aprender sobre si mesmo, sobre sua comunidade e as relações que se dão no interior da mesma. A escola será, então, uma extensão do meio dos indivíduos.

Sobre o processo de alfabetização, Soares (2008) discute que a alfabetização pode ser conceituada como a aquisição das habilidades de ler e escrever, ou seja, a codificação e decodificação da linguagem escrita. Entretanto, quando essas habilidades são utilizadas para a interação e inserção do sujeito no mundo, para atuar no seu grupo social, percebendo as características dos diferentes meios de comunicação, estamos falando de letramento. O processo de alfabetização deixa de ser meramente um meio de transmissão de conhecimentos e torna-se um espaço de desenvolvimento da autonomia dos alunos. A respeito do processo de alfabetização dos alunos do 1º ao 3º Ano do Ensino Fundamental, os participantes responderam que:

As crianças geralmente demonstram dificuldades na leitura fluente e interpretação de textos, alguns ficam retidas no 3º ano por não dominarem as competências e habilidades específicas desse ciclo. (DIRETORA).

Durante o processo de alfabetização, ou seja do 1º ao 3º ano os professores se esforçam para que o estudante consiga desenvolver as competências e habilidades que estes necessitam para dar continuidade a sua trajetória escolar, porém alguns desses estudantes apresentam dificuldades principalmente na aquisição da leitura e escrita, (COORDENADORA).

A alfabetização é uma etapa primordial nos anos iniciais do ensino fundamental mais para que ela ocorra de maneira eficaz deve ser integrada ao letramento. Esse processo nesta instituição ocorrer de maneira satisfatória uma vez que a alfabetização é processual e contínua, nós respeitamos o tempo e o ritmo de aprendizagem de cada criança, temos um olhar especial para cada estudante dessa maneira identificamos as causas da dificuldade de aprendizagem de cada criança e buscamos métodos para solucionar. (PROFESSORA 1).

Apesar das dificuldades na aprendizagem da leitura, da escrita, da interpretação e da compreensão de conceitos matemáticos, considero que o processo flui bem. Cada criança aprende de uma forma e no seu tempo. Nós buscamos facilitar esse processo por meio de metodologias mais participativas e inovadoras. (PROFESSORA 2)

São alunos que interagem bem, apesar das diferenças no nível de aprendizagem. Adotamos metodologias que facilitem essa integração e o desenvolvimento de todos, cada um segundo sua especificidade, (PROFESSORA 3).

Os participantes da pesquisa demonstram uma compreensão de alfabetização para além do livro didático, que abarca prática inovadoras e em

prol da formação de sujeitos críticos e construtores de conhecimento. Com relação ao desenvolvimento de práticas pedagógicas, o PPP da escola descreve que:

A instituição almeja oferecer aos educandos e colaboradores a possibilidade de se desenvolverem por meio de práticas pedagógicas inovadoras que propiciem aprendizagens significativas contextualizadas através de um trabalho participativo, envolvendo a participação de todos os segmentos responsáveis pela formação de sujeitos atuantes na sociedade, que sejam transformadores e conscientes do compromisso e com responsabilidade social na busca de uma sociedade mais justa e humana, (PPP, 2020, p.08)

Dessa forma, a utilização esporádica da leitura e da escrita, seja em casa ou na escola, não é suficiente para a criança ser alfabetizada. Tampouco, um ambiente alfabetizador por si só, com cartazes e exposição de livros, garante que aconteça a aprendizagem. O professor precisa estar disposto a adotar novas estratégias de ensino para alfabetizar as crianças com vistas ao progresso de todos, independente das diferenças. Sobre o material didático-pedagógico utilizado nas aulas, os participantes responderam que utilizam:

Livros didáticos e paradidáticos, jogos didáticos, pesquisas na internet, confecção de jogos educativos (sucatas), (DIRETORA).

Os materiais didáticos mais utilizados são os livros didáticos, mas também outros recursos são utilizados, como jogos, alfabeto móvel, materiais reciclados como: tampas de garrafas, palitos dentre outros, (COORDENADORA).

Livro didático, Datashow, gravuras, desenhos, filmes, quadro negro, mural, atlas, revista em quadrinhos, jogos lúdicos, computador, (PROFESSORA 1).

Livro didático, atividades impressas, jogos, filmes, computador, Revista Em Quadrinhos MÚSICAS, (PROFESSORA 2).

Livros, pesquisas na internet, atividades impressas, cartazes, vídeos, jogos e brincadeiras, (PROFESSORA 3).

Conforme as afirmações dos participantes, os professores têm consciência da necessidade de adotar alternativas diferenciadas de ensino, visto que é importante despertar o interesse e prazer da criança em aprender. Sobre a concepção de educação para além da internalização de conhecimentos, o PPP da escola aponta que:

A educação ultrapassa a reprodução de saberes e fazeres, possibilitando a troca de experiências e a construção de

aprendizagens significativas. Aprendizagem e desenvolvimento são processos contínuos que se referem a mudanças que se dão ao longo da vida, integrando aspectos físicos, emocionais, afetivos, sociais e cognitivos. Ao tratar do direito de aprender e de se desenvolver, busca-se colocar em perspectiva as oportunidades de desenvolvimento do/a estudante e os meios para garantir-lhe a formação comum, imprescindível ao exercício da cidadania, (PPP, 2020, p. 08).

Entendemos essa preocupação expressa no PPP ao considerar que a discussão de Soares (2008), ao discutir que na escrita da história da alfabetização brasileira, as metodologias utilizadas no processo de aprendizagem de leitura e escrita têm-se fundamentado em métodos tidos como eficazes e inovadores na solução para o ensino de leitura e escrita. Entretanto, é certo que não há estratégia certa para alfabetizar uma classe de crianças heterogêneas que se encontram em etapas diferenciadas de compreensão da língua escrita e falada. Deve-se favorecer, desde a etapa da educação infantil, o diálogo com a língua escrita através de um ambiente alfabetizador que relaciona os sons com a escrita e que seja contextualizado com a realidade das crianças. Neste contexto a fim de formar cidadãos críticos a escola pretende exercer sua função social por meio de ações que melhore a qualidade do ensino, motive o trabalho coletivo e estabeleça parcerias (família – escola), favorecendo o sucesso profissional sendo conscientes de seus deveres e direitos na sociedade, (PPP, 2020, p. 08-09).

Diante do que está posto no PPP, entendemos que o processo de alfabetização é um desafio tanto para o professor quanto para os estudantes. Desafios que se acirram diante da falta de materiais pedagógicos em muitas escolas e do estímulo pela utilização do livro didático, que em muitos casos é tido como um manual a ser seguido. Sobre o livro didático no processo de alfabetização dos os estudantes, os professores consideram que:

O livro didático não atende a realidade de nossos estudantes, sempre utilizo como material de suporte para auxiliar o desenvolvimento de ensino. (DIRETORA).

Não considero, porque temos que utilizar temas relevantes para o aluno que remete a questões do seu dia a dia, tendo a sua realidade como ponto de partida para a construção do conhecimento, dar sentido ao aprendizado, porém o livro didático se constitui um grande apoio para o professor, o que não pode é ser o seu único instrumento para chegar até o

estudante e fazer com que esse se desenvolva e avance na aprendizagem, (COORDENADORA).

Não. Porque muitas vezes é descontextualizado da realidade do aluno. (PROFESSORA 1).

Não. Pois não contempla a realidade e diversidade dos estudantes. Não apresenta uma linguagem acessível a todos. (PROFESSORA 2).

Não, porém ele nos traz inúmeras ideias para ampliar na sala de aula. Mas hoje temos a internet a nosso favor, o que facilita. (PROFESSORA 3).

Conforme Lemle (2009) antes de ocorrer a atividades de alfabetização, o aprendiz necessita construir alguns conceitos. Sabendo que o primeiro conceito é simbólico, se inicia na imaginação das crianças, percebemos que o livro didático não é suficiente para promover a aprendizagem das crianças, como bem colocam os professores. Da mesma forma, o livro didático não oferece as bases para o processo de ensino diante da heterogeneidade da sala de aula. Ao considerar a heterogeneidade da sala de aula, é comum os professores se depararem com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Ao serem questionados se os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental apresentam algum problema ou transtorno no processo de aprendizagem, os professores explicitaram que:

Sim, dificuldades na leitura e escrita, raciocínio lógico matemático, infelizmente a maioria das crianças desse ciclo de alfabetização não conseguem resolver operações simples e apresentam dificuldades na fala e também na interpretação de textos. (DIRETORA).

As dificuldades apresentadas pelos estudantes na alfabetização divergem, a maioria apresenta dificuldade em leitura e escrita, mas tem os que apresentam dificuldade em aritmética e geometria, e as dificuldades se acentuam mais na realização de cálculos, (COORDENADORA).

Sim. Leitura e escrita, Interpretação de texto, cálculos matemáticos, raciocínio lógico. (PROFESSORA 1).

Sim, dificuldades na leitura, escrita e na interpretação. Alguns em matemática também. Como nenhuma criança possui laudo de algum problema grave, não considero que são problemas relacionados à cognição, que impossibilitem a aprendizagem, mas que exigem de nós professores o desenvolvimento de metodologias que vá ao encontro dos interesses. (professora 2).

Sim, há alunos com dificuldades na leitura e escrita, (PROFESSORA 3).

Conforme as falas das professoras percebemos que a escola atende crianças que apresentam entraves na aprendizagem da leitura e escrita, mas todas responderam unanimemente que apenas um aluno possui laudo médico que atesta uma deficiência intelectual. Segundo as professoras, para esse aluno, são elaboradas atividades específicas, mas sentem necessidade da orientação de um profissional especialista. De acordo as informações coletadas, os desafios enfrentados pelos docentes no processo de alfabetizar se relacionam a aspectos exteriores às suas práticas e métodos de ensino, visto que eles buscam alternativas para promover a aprendizagem das crianças de maneira significativa, contextualizada com a realidade e de acordo as especificidades dos estudantes. Ao contrário, os desafios estão muito mais relacionados à estrutura física da escola, ausência de espaços externos para realização de atividades, materiais didáticos e pedagógicos adequados e formação para melhor utilizar os recursos das mídias digitais.

Dessa forma, não desconsideramos que o professor é o principal mediador entre os estudantes e os conhecimentos e aprendizagens no contexto da sala de aula, mas levamos em conta que existem fatores sociais e econômicos externos à escola que podem interferir significativamente nas práticas de ensino adotadas pelo professor. Entendemos, portanto, que quando as crianças têm estímulo da família e de seu grupo social e encontram na escola uma relação entre os conhecimentos formais e sua realidade, elas encontram sentido no que estão aprendendo e, com isso, os desafios dos professores são reduzidos.

### **Considerações finais**

Por meio desse estudo foi possível compreender que a educação, seja formal, informal, transmitida pela família ou pela roda de amigos, faz parte da essência da formação do sujeito. A educação formal passa por influências e interferências significativas das esferas sociais, com especial atenção para a política e a econômica. Essas esferas controlam o processo educacional que, historicamente, tem servido para a solidificação de hierarquização na sociedade,

onde uma cultura passa a ser reconhecida como superior às outras. Partindo dessa concepção, profissionais da educação, estudiosos e pesquisadores, lançam questionamentos quanto à finalidade da educação, para 'que' serve e a quem ela serve.

Essa preocupação fundamenta-se na percepção de que a educação tem papel central na formação da sociedade moderna e, por outro lado, no processo de formação institucionalizada que, ao longo do tempo, tornou-se um instrumento de ingresso no mundo do trabalho, de uma vida digna e de garantia dos direitos dos sujeitos. A educação, também, tem servido a uma visão de formação que não colabora com o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, visto que se estrutura de acordo com os objetivos econômicos e políticos que visam a manutenção de um sistema de hierarquização social. Nesse modelo, uma pequena parcela da sociedade detém a posse dos meios de produção em detrimento da maior parcela da sociedade que é obrigada a viver com pouco.

O ambiente escolar torna-se importante, a medida que, deve fornecer condições adequadas para aprendizagem em um ambiente favorável e facilitador, garantindo o acesso aos conteúdos dentro das limitações impostas pelas dificuldades de aprendizagem. Entendemos que a escola tem uma tarefa imprescindível na oportunizarão de metodologias que ajudem os professores a delinear ações que atendam os alunos que apresentem algum problema no processo de alfabetização. Para contribuir com o aluno na superação de algumas dificuldades na aprendizagem, ou como ponto de partida para encaminhamento da criança a um especialista, o professor pode realizar atividades para identificar a melhor forma para o estudante aprender. Assim, o professor pode adotar estratégias como rotina de estudos, induzir a participação da criança em grupos de estudos, incentivar a família a testar diferentes formas de estudar em casa, realizar avaliação multidisciplinar e, quando a situação de mostrar grave, recorrer a especialista, se for do consentimento da família.

A pesquisa evidenciou que a escola busca, dentro das suas possibilidades, desenvolver estratégias que contribuam com a redução das dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Pois, ao identificar os estudantes que não correspondem às expectativas de aprendizagem da sua etapa de escolarização, a gestão e os professores reuniram-se para discutirem sobre as

possibilidades pedagógicas para reduzir as dificuldades apresentadas pelos estudantes.

## Referências

BERNARD, A. M. **A Escola Inclusiva**: do conceito à prática. Inovação, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

CASAL, C. J. F. **Disortografia**: a escrita criativa na reeducação da escrita. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de Aprendizagem**: uma questão de nomenclatura. Revista Sinpro, Rio de Janeiro, v. 10, p. 04-08, out. 2003.

COSTA, A. M. B. **Escola Inclusiva**: do Conceito à Prática. Inovação, 9, 151 – 163. 1996.

FRANCESCHINI, B. T. et al. Distúrbios de aprendizagem: disgrafia, dislexia e discalculia. **Revista Educação**, Batatais, v. 5, n. 2, p. 95-118, 2015.

LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009. 71p.

MINKE, K., Bear, G., DEEMER, S. & Griffin, S. (1996). Teachers` Experiences with Inclusive Classrooms: Implication for Special Education Reform. **Journal of Special Education**, 30(2), 152-186.

MÓL, D. A. R.; WECHSLER, S. M. **Avaliação de crianças com indicação de dificuldades de aprendizagem pela bateria Woodcock-Johnson III**. Psicologia escolar educacional, dez. 2008, vol.12, n.2, p.391-399.

MORGADO, J. **Qualidade na Educação**- Um Desafio para os Professores. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

SANTOS, N. M. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. 2009. 24f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2009.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar é de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.

TORRES, D. I.; CIASCA, S. M. Correlação entre a queixa do professor e a avaliação psicológica em crianças de primeira série com dificuldades de aprendizagem. **Revista psicopedagogia**, São Paulo, v.24, n.73, p.18-29.

2007. Disponível em:

[http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 13 jan. 2022.

UNESCO. **Educação um Tesouro a Descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições Asa, 1996.

VIANA, Rosineide Oliveira; VIANA JUNIOR, Carlos Alberto da Cruz. Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 2, Vol. 16. pp.235-251, Março de 2017. ISSN:2448-0959